

## Autoria na psicose: gestos de inscrição e “escrificação”

Patrícia Laubino Borba  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
llaubino@hotmail.com

**Abstract:** *In our work, we will study two texts from psychotic patients and, more specifically, the possibility of the occurrence of authorship effect in these texts. We understand authorship as two different gestures: 1. inscription, that is, submission to language, ideology, to the coercion inherent to written materiality and social insertion; 2. “escription”, that is, self-writing in the text, giving it singularity, taking a position in the text. Our study is based on the French Discourse Analysis and will be divided in three parts. Firstly, we will make a theoretical reflection on how to comprehend the notions of inscription and “escription”. Secondly, we will try to perceive if there are gestures of inscription and “escription” in two texts from two different psychotic participants of a therapy group called “Atelier de Escrita” of the Center of Psychosocial Attention (CAPS) of Porto Alegre. Lastly, we will study how the question of authorship is related to the clinic of psychosis.*

**Keywords:** writing, authorship, discourse.

**Resumo:** *Nosso trabalho tem como objetivo estudar dois textos de pacientes psicóticos institucionalizados e, mais especificamente, a possibilidade de haver, nesses textos, efeito de autoria. Compreendemos autoria a partir de dois gestos diferentes: 1. o da inscrição, ou seja, o assujeitamento à língua, à ideologia, a submissão às coerções inerentes à materialidade escrita e a inserção social; 2. o da “escrificação”, ou seja, o se escrever no texto, dar a ela singularidade, assumir uma posição no texto. Nosso estudo está embasado na corrente francesa da Análise do Discurso e se dividirá em três partes. Inicialmente, faremos uma reflexão teórica a respeito de como compreendemos as noções de inscrição e de “escrificação”. Em seguida, tentaremos perceber se há esses gestos de inscrição e “escrificação” em dois textos de diferentes pacientes psicóticos participantes de um grupo terapêutico denominado “Atelier de Escrita” do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) região Centro de Porto Alegre. Finalmente, veremos como as questões a respeito da autoria estariam relacionadas à prática clínica da psicose.*

**Palavras-chave:** escrita, autoria, discurso.

### 1. Reflexão teórica

Estudaremos a questão da autoria nos textos de pacientes psicóticos, a partir de dois gestos necessários para que se produza esse efeito: o da inscrição e o da “escrificação”.

Compreendemos a noção de inscrição como estando relacionada à inserção, ou seja, é necessário se submeter a determinadas regras para poder estar inserido na linguagem, na sociedade e na alfabetização, etc.

Começaremos pensando a questão da submissão a partir da primeira inscrição, que seria a inscrição na linguagem. Essa seria representada na psicanálise pelo Édipo, que é a abordagem mítica da constituição da subjetividade. A psicanálise freudo-laciana nos ensina que passar pelo Estádio de Édipo é se submeter à linguagem, à cultura, à sociedade: é assujeitar-se ao Outro, é ser um sujeito “da linguagem”, ou “na linguagem”. A não passagem pelo Édipo acarretaria conseqüências, como ter uma outra constituição subjetiva, a psicótica. Dessa forma, é preciso se submeter a esse “meio distorcido” ou a essa “camisa-de-força” da linguagem e “permitir ser representado por palavras” (FINK, 1998, P. 72), a fim de constituir-se como neurótico.

O assujeitamento ideológico é uma outra inscrição necessária: a submissão aos sentidos. Pêcheux (1975) percebe o funcionamento do sujeito no discurso a partir da relação do sujeito com as formações discursivas, que são os mecanismos de mediação entre as palavras e as formações ideológicas. A interpelação de um sujeito por uma formação discursiva se dá pela identificação a sua forma-sujeito, que é o elemento unificador dos sentidos de uma formação discursiva. Dessa forma, podemos perceber que a idéia de que o sentido de um texto seria o que o autor quis dizer é ilusória, tanto quanto a idéia de autoria como reflexo da pessoa do autor. Como nos ensina Calil (2004),

“a busca de coerência, de unidade, de não-contradição não está relacionada com o controle ou a autonomia do sujeito sobre a linguagem (seus meandros e becos escuros) nem à ‘situação de comunicação’, mas justamente com o movimento inverso de assujeitamento à própria, àquilo que as palavras carregam em suas possibilidades históricas e simbólicas” (idem, p. 43 – 44).

A autoria se estabelece com o assujeitamento à linguagem, ao discurso, mas também há outros tipos de submissões, como a da materialidade textual. A partir da reflexão feita por Foucault a respeito das coerções das disciplinas, podemos pensar as nossas questões de inscrição, principalmente em relação à escola.

Foucault (2000), ao refletir sobre as disciplinas, trabalha com um princípio de coerção importante para nossa reflexão sobre a inscrição à escola: poder da Norma. As normas são o estabelecimento de

“sinais de filiação a um corpo social homogêneo, mas têm em si mesmo um papel de classificação, de hierarquização, e de distribuição de lugares [...]. O poder de regulamentação obriga à homogeneidade; mas individualiza, permitindo medir desvios, determinar os níveis, fixar as especialidades e tornar úteis as diferenças, ajustando-as umas às outras” (idem, p.153-154)

É sobre o poder da Norma que ocorre a alfabetização. Sendo assim, é necessário se inscrever nessa regulamentação para não ser excluída por ela. Nossa inscrição à escola, à alfabetização, é uma marca perene na nossa produção textual.

Foucault (1969) retoma a frase de Beckett “Que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala?”, para pensar a autoria como uma função dentro da produção discursiva: é “uma espécie de regra imanente, constantemente retomada, nunca completamente aplicada, um princípio que não marca a escrita como resultado, mas a domina como prática” (idem, p. 34).

Foucault (1971) nos ensina que a autoria é também um princípio de coerção que ocorre internamente no discurso, na medida em que é um princípio de agrupamento do discurso, onde se dá a unidade, a origem e a coerência: “o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizontal do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função do autor [...] tal como recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, modifica” (idem, p. 28 e 29). O autor francês vai construindo a noção de autoria a partir de algumas especificidades. O princípio de autoria, que é o que limita o acaso do discurso em relação à identidade, remetendo um discurso a uma individualidade, a um eu (1971, p. 29). Posição autor, que é o recorte em relação àquilo que poderia ser dito, em tudo o que se diz todos os dias, a todo momento, ou seja, é o perfil ainda que instável de uma obra (1971, p. 29). Função autor, que é a prescrição que o indivíduo recebe de sua época, passível de modificação (1971, p. 29).

Ao pensar a autoria como um princípio de coerção, Foucault nos mostra sua função restritiva, ou seja, a inscrição à função da autoria nos submete às regras do discurso: “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (idem, p. 8).

Orlandi (2001, 1988) reformula o conceito foucaultiano de função-autor. Para ela, a função-autor se trata de uma função discursiva do sujeito, tal como as funções de locutor e enunciador, noções formuladas na teoria enunciativa de Ducrot. O locutor representa o eu no discurso, o enunciador, as perspectivas que esse eu constrói, e a função-autor é a função social que o eu assume como produtor do texto (Orlandi, 1988, p. 61).

Por esse motivo, o autor deve ser coerente, seguidor das normas estabelecidas, relevante, não-contraditório, responsável e uno (Orlandi, 2001, p. 75 – 76), sofrendo, assim, mais determinações exteriores (sócio-históricas) que qualquer função discursiva do sujeito. Conforme Orlandi (2004, p. 75), em relação à interpretação e às condições de produção, essa função é determinada: 1. a não poder dizer coisas que já não tenham sentido e 2. a não poder dizer coisas que não tenham sentido para o interlocutor efetivo ou virtual. Ou seja, além das coerções sociais sobre a autoria, há também uma relação de constituição entre o autor e o interlocutor: “o autor é o sujeito que sabe que há um interlocutor” (Orlandi, 1993, p. 106). A determinação do autor pelo interlocutor é um elemento coercivo na medida em que não é possível ignorá-lo, não responder as suas indagações, ou simplesmente excluí-lo de sua produção discursiva.

São várias as inscrições necessárias para que haja o efeito de autoria: à língua, à ideologia, ao discurso, à escola e à interlocução. Porém, se não houver também gestos de “escrção”, esse efeito não se constituirá.

“Escrção” se refere ao ato de se escrever no texto, deixar suas marcas. Porém, queremos deixar claro que não se trata aqui de um sujeito onisciente controlador de sentidos que produzirá essa “escrção” no texto. Mantemos a mesma noção de sujeito em que desenvolvemos a noção de inscrição: dividido, heterogêneo, assujeitado pela ideologia, determinado pelo inconsciente.

Queremos mostrar, com a noção de “escrção”, a possibilidade de se escrever no texto apesar das inscrições que são inerentes ao sujeito. Para isso, precisamos mostrar que a “escrção” se deve pela possibilidade de deslocamento que ocorre na língua, nos sentidos,

na prática social. Como nos ensina Calil (2004): “É porque se está assujeitado que se pode romper. Em outras palavras, é do repetível (já dito) que advém o deslocamento para o inesperado” (idem, p. 44).

A “escrção” ocorre a partir de vários gestos de deslocamentos. O primeiro gesto de deslocamento necessário para se produzir a “escrção” acontece quando há um posicionamento do sujeito discursivo “responsável” pelo texto. Como nos ensina Schons (2005), “o autor é aquele que, tendo domínio de certos mecanismos discursivos, diante da escola ou fora dela, assume, pela linguagem, seu papel na ordem social em que está inserido” (idem, p. 144). Esse posicionamento é o primeiro gesto para se produzir um texto, porque o discurso, matéria-prima do texto, é intrinsecamente disperso e heterogêneo. Sendo assim, é preciso deslocar a dispersão para produzir a unidade, e a heterogeneidade para gerar o efeito de homogeneidade.

Para que o deslocamento da dispersão e da heterogeneidade resulte na unidade e na homogeneidade, é necessário que esse se estabeleça a partir de um “corpo social discursivo”<sup>1</sup>, responsável por uma memória discursiva mais individualizada, ou seja, a memória resultante da vivência social de um sujeito. Esse gesto, além de afastar o texto de vir a ser um emaranhado de lugares comuns (como comentamos a respeito de grande parte dos textos da prova de redação do vestibular) produz também um efeito de “espelhamento de um sujeito no texto” (Gallo, 1994, p. 165)

Podemos compreender a “escrção” como um gesto de interpretação, ou seja, para se escrever no texto é necessário deslocar os sentidos já estabelecidos, produzindo, assim, “um lugar de interpretação no meio dos outros” (Orlandi, 2004, p. 70). A possibilidade de deslocamento do sentido é devido ao fato de o equívoco e a incompletude serem inerentes à língua. Dessa forma, todos nós somos aptos a deslocar os sentidos, promovendo um *evento interpretativo*. Se, na prática, essa possibilidade se restringe a uns poucos, isso se deve a uma organização do corpo social que divide aqueles que têm o direito à interpretação, os *intérpretes*, daqueles que fazem o trabalho de sustentação da interpretação que deve se estabilizar, os *escreventes* (Orlandi, 2004, p. 66).

A “escrção” só ocorre se o sujeito discursivo se deslocar da posição de *escrevente* para a posição de *intérprete*. Esse deslocamento não precisa ocorrer por uma legitimação social, como a publicação de um livro. Ele pode e deve acontecer nas salas de aulas, nos clubes de mães, nas cooperativas, nas associações de vizinhos, nos grupos terapêuticos, enfim, em todos lugares onde seja possível compartilhar saberes que não apenas aqueles legitimados, e que são de grande importância para aquela comunidade. Nesse momento, se pára de repetir o discurso do outro, para se construir um discurso mais íntimo, mais acessível, mais importante.

O deslocamento dos sentidos que possibilita a “escrção” pode ocorrer de diferentes formas: pode se dar na tentativa de se produzir um efeito estético, causando, assim, uma re-interpretação da parte formal da língua; na tentativa de se repensar as organizações sociais, buscando, assim, uma re-interpretação da sociedade; na tentativa de pensar questões pessoais, produzindo, assim, uma re-interpretação da prática cotidiana.

Vamos, agora, analisar os gestos de inscrição e “escrção” nos textos psicóticos, a fim de se compreender qual o grau de autoria desses textos.

---

<sup>1</sup> Noção formulada por Pfeiffer apud Lagazzi-Rodrigues (2006).

## 2. Análise

Como nossa análise é de textos de pacientes psicóticos, é necessário esclarecer um ponto mencionado quando estávamos refletindo sobre a inscrição da linguagem, a de que essa inscrição, na psicose, não ocorre da mesma forma que na neurose.

Na psicanálise, a psicose é definida justamente pela não passagem completa pelo Édipo. O psicótico fracassa no segundo momento e nunca atinge o terceiro. Segundo Freire (2001, p. 155), é a falta desses dois momentos lógicos do Édipo que impede o psicótico de se constituir como sujeito do inconsciente, sujeito dividido e desejante. A constituição diferencial da subjetividade na psicose implica em que haja a forclusão do Nome-do-Pai, que é o significante que se encontra na origem lógica da linguagem, e, por isso, assegura seu funcionamento ordenado. Lacan afirma que, na constituição subjetiva da psicose, é possível uma certa amarragem dos significantes e dos significados na metáfora delirante (Lacan, 1958, p. 584). Dessa forma, é possível haver uma inscrição na linguagem diferente daquela estabelecida na neurose. Não podemos, ao analisar textos de psicóticos, pressupor uma inscrição na linguagem, ao contrário da análise de textos de neuróticos. Essa inscrição, no caso dos psicóticos, é uma conquista. A constituição da autoria, nesse caso, ganha uma dimensão maior do que na neurose, porque é uma forma de o paciente vir a se inscrever na linguagem e, assim, se constituir por ela. Ao mesmo tempo em que o trabalho de produção do efeito de autoria é mais árduo do que na neurose, devido às especificidades da psicose, esse efeito reverte para o sujeito uma possibilidade de uma melhor amarragem dessa subjetividade na própria linguagem.

Analisaremos a escrita de dois pacientes psicóticos que participam do Atelier de Escrita. Chamaremos os pacientes psicóticos Valter e Rudimar<sup>2</sup>. Tentaremos compreender os gestos de inscrição e “escrção” desses pacientes.

Acreditamos que, na escrita de psicóticos, tanto o gesto de inscrição quanto o de “escrção” não são nem plenos nem nulos, eles ocorrem numa gradação.

Abaixo texto de Valter:

Vizinho

Sê você vive sozinho, dizem que o vizinho é o parente  
mais proximo de vocês. Eu não acho  
Acho que os parentes mais proximos são os proprios dentes  
pois com eles produzo sons consigo me satisfazer de  
varias formas exeto quando um ou outro deles fica doente.  
só não sabe quem nunca teve dor de dente ou seja quem  
não existe. Pois é tenho um vizinho que feito de pedra  
“ametista” pra variar foi eu mesmo quem o fez, digo  
melhor feito só por você mesmo. Ele não me encomoda  
e é bastante confortavel, mas ocupa um lugar no espaço

---

<sup>2</sup> Esses não são os nomes verdadeiros dos pacientes, porque a autorização está condicionada à não identificação dos pacientes.

de outro, que já nos deixou por uma jaqueta coroa  
mal feita 3 vezes tive que arrancalo, o espaço ficou  
e eu o ocupei colocando uma pedra  
Espero que os outrou parentes ou vizinhos não  
Encomodem e não sejam encomodados

#### Abaixo o texto de Rudimar:

O CONFLITO MENTAL	VOLTAR PARECE QUE NÃO
	É POSSÍVEL TALVEZ
SE FAZ SENTIR	MAIS DIFÍCIL SE TORNA
QUANDO TENTA PEGAR	SEMPRE O RETORNO
CONDUÇÃO PARA SE	AO ABRIGO QUE SEMPRE
DIRIGIR RUMO A OFICINA	BUSCA NAS HORAS DE APERTO
DE ESCRITA	
	SABE QUE DERREPENTE
NÃO SABE SE VOLTA	TUDO FICA CALMO EM SUA
OU FICA PERAMBULANDO	VOLTA
COMO O ANDARILHO FAZ SEM NUNCA	O CONFLITO DIMINUI
CHEGAR	A PAZ VOLTA VOLTA
A LUGAR NENHUM	A SUPOSTA PAZ

Analisaremos a inscrição à linguagem e ao discurso de forma conjunta. Na psicanálise, a noção de linguagem não é apenas estrutural, mas também abarca a cultura e a sociedade. Para Análise do Discurso, essa noção está relacionada à sociedade e a ideologia. Acreditamos que nesta análise não seria produtivo tentar ficar distinguindo o que seria estrutura, cultura e ideologia.

Em relação à inscrição à linguagem e ao discurso, no texto de Valter, podemos dizer que a inscrição ocorre de forma tênue. Há, de certa forma, uma amarragem entre o significante e o significado<sup>3</sup>, na medida em que o texto é legível. No próprio texto, podemos perceber que, nas duas primeiras linhas, as palavras, “sozinho”, “vizinho” e “parente”, se inter-relacionam de forma previsível (quando se vive sozinho, ou seja, sem os parentes, o vizinho se transforma em um parente, ou seja, uma pessoa próxima). A amarragem, nessa passagem, produz um efeito de familiaridade<sup>4</sup>. A passagem de parentes mais próximos para dentes é tolerável pois há um ditado os relacionam (“amigo mesmo só os dentes, e eles ainda te mordem”). Porém, quando ocorre, na linha 7, uma ambivalência de vizinho e dente, começa um deslizamento que não possui nenhum gancho semântico. Nas duas últimas linhas, essa deriva de sentido continua na relação dente, parente e vizinho,

<sup>3</sup>. Por não ser o objetivo de nossa pesquisa e não ser um assunto que diz respeito apenas ao estudo da linguagem, não podemos estudar a natureza dessa amarragem.

<sup>4</sup> Ver a conceituação dessa noção em Borba (2006).

na medida em que “incomodem e sejam incomodados” serve para vizinhos e para parente<sup>5</sup>, mas não para dente, que só incomodam, nunca podem ser incomodados. Em nenhum momento do texto, os dentes são personificados para poderem vir a ser incomodados. Dessa forma, podemos afirmar que a amarragem à linguagem e ao discurso ocorre de forma tênue.

A inscrição à escola também ocorre, como podemos ver pelas seguintes marcas: presença de um título, tentativa de produzir um fechamento formal do texto, que se concentra nas duas últimas linhas. Porém, podemos ver que não há um alto grau de inscrição, pela falta de pontuação e por palavras escritas de forma incorreta.

O gesto de “escrção” desse texto ocorre pela tentativa de posicionamento frente a uma opinião geral (“dizem”). Porém, não há um grau de responsabilidade muito grande no texto. Apesar de nele haver uma linearidade (relaciona vizinho, parente, após, relaciona parente com dente, em seguida fala dos próprios dentes e da pedra que está no lugar de um deles e finaliza com uma tentativa de acomodar os elementos parente, vizinho e dente), a figura do responsável pelo texto se esvai junto com a hesitação de um “eu”, como podemos ver no seguinte trecho: “pois é tenho um vizinho que feito de pedra ‘ametista’ pra varia foi eu mesmo quem o fez, digo melhor feito só por você mesmo”. A falta de pontuação faz com que várias leituras sejam possíveis, porém, não há dúvida a respeito da oscilação entre o “eu” e o “tu”. Dessa forma, falha o espelhamento do sujeito no texto.

Em relação aos efeitos de homogeneidade e unidade que esse espelhamento deveria proporcionar, também ocorre falha. As contradições do texto opacificam a heterogeneidade do interdiscurso em que está inserido esse escrito: (linha 6) “só não sabe”, diz respeito a quê? Que o parente mais próximo são os próprios dentes, ou que com eles “produzo sons consigo me satisfazer de várias formas exceto quando um ou outro deles fica doente”; (linha 8) É possível colocar pedras ametistas na arcada dentária para substituir dentes? Existem dentes de ouro; (linha 14) parentes e vizinhos incomodam e são incomodados, etc.

Não há efetivamente um deslocamento de sentido no texto, porque não há nele uma preocupação estética. Apesar de partir de uma questão socialmente compartilhada, não há uma reformulação dessa questão. Podemos perceber que existem preocupações do paciente nesse texto (como quem serão as pessoas mais próximas do paciente), mas não são suficientemente formuladas e refletidas. Prosseguiremos a análise com o texto de Rudimar.

Há também, no texto de Rudimar, inscrição à língua e ao discurso, na medida em que o texto parte de um tema socialmente compartilhado e é legível. Não vemos, no texto, nenhuma deriva de significação, todas as amarragens entre significantes e significados produzem efeito de familiaridade.

Em relação à escola, há inscrição principalmente pela tomada de um gênero apresentado nela, a poesia, para falar de uma questão tão íntima do paciente, a doença mental. Apesar de os pré-construídos do texto virem de discursos diferentes - o discurso do fazer poético (as palavras pomposas como conflito, perambulando, andarilho, de repente, suposta), linguagem do cotidiano (condução, horas de aperto), discurso da medicina (pela tentativa de descrever aparecimento de um sintoma da doença, a desorientação) -, há uma

---

<sup>5</sup> É interessante perceber que no sintagma “parentes e vizinhos não incomodem nem sejam incomodados” é um discurso transversal de um saber do senso comum que é “doentes mentais incomodam parentes e vizinhos”.

organização da heterogeneidade e da dispersão, surgindo assim a figura de um “eu” poético, responsável por sua voz.

A “escrção”, nesse texto, gira em torno do assunto doença mental. O texto tem uma preocupação estética, por ser construído no formato de poesia, por tentar extrair das palavras alguns efeitos estéticos (por exemplo, última linha, “suposta paz”). O deslocamento social ocorre pelo fato de o texto refletir um doente mental tentando compreender sua doença e compartilhando essa questão com os integrantes do grupo terapêutico. A poesia gira em torno de uma descrição do surgimento de um “conflito mental”. Apesar de ser construída a partir de uma impessoalidade (Quando tenta pegar condução para se dirigir rumo a oficina de escrita) se percebe que há um sujeito responsável pela descrição.

Como nos ensina Pêcheux (1969 e 1975) sentido não depende só da estrutura, mas das condições de produção. Esse texto é escrito numa instituição, Centro de Atenção Psicossocial, que tem por função ajudar na recuperação dos pacientes e os integrar socialmente. Por haver, no texto, um deslocamento da posição de cura e integração imposta pelas condições de produção para tentar compreender o que é a doença mental e compartilhar essa angústia com os outros pacientes, acreditamos que há, na medida do possível, uma ruptura do que se espera que seja dito pelo paciente, em busca de “novos” sentidos.

Nos dois textos há diferentes graus de inscrição e “escrção”. No texto de Valter, não existe uma construção de responsabilidade. Isso faz com que ocorra uma deriva maior dos sentidos, sem haver de fato um deslocamento. No texto de Rudimar, há a construção de uma homogeneidade e de uma responsabilidade, que permitem um deslocamento de sentido. Porém, vemos que a virtualidade do gesto de inscrição e “escrção” está presente nos dois textos, o que os diferencia é o grau de intensidade desses. Ou seja, há uma busca de ambos pacientes de estabelecer tais gestos ao escrever. Acreditamos que esses gestos estão vinculados a uma posição de autoria legitimada pelos outros. Ou seja, só haverá “escrção” se houver uma demanda por ela. Simultaneamente a esse gesto, ocorrerá o da inscrição. O fato de os pacientes escreverem textos para serem lidos por outros participantes no grupo terapêutico coloca esses pacientes num lugar de autoria. Como nos ensina Gallo (1992), ao pensar a escrita de seus alunos, “o que está envolvido é a questão do ‘acreditar-se’ autor, ‘sentir’ que produziu, realmente um livro etc. o que, do ponto de vista da Análise do Discurso, é percebido pela forma de representação do sujeito que nesse caso ‘coloca-se no lugar de autor’, ‘representa-se’ como tal, ocupa uma ‘posição’”<sup>6</sup>. Ou seja, é a partir da posição de autoria que se estabelecem os gestos de inscrição e “escrção”.

Retomando os exemplos sobre diferentes intensidades de inscrição e “escrção” da introdução, os textos do vestibular e as pichações, gostaríamos de ressaltar que nem o vestibulando nem o pichador são colocados na posição de autor. Enquanto o primeiro está na posição de examinado quanto a seu domínio das regras da língua, o segundo está na de marginalizado.

Com essas reflexões, nos encaminhamos para a conclusão.

### **3. Conclusão**

---

<sup>6</sup> Apud Lagazzi-Rodrigues (2006, p. 94).



A inscrição e a “escrissão” são gestos que constituem a autoria. São gestos de linguagem e de interpretação que produzem sobre uma materialidade escrita o efeito de pertencimento do texto a um sujeito que se constitui discursivamente. A análise nos permitiu perceber que esses gestos são passíveis de vir de um paciente psicótico, apesar de esse ser descrito nos Manuais de Psiquiatria como possuidor de “discurso pobre” (DMS IV, p. 266), distorção e exagero na comunicação (idem, 264), ou seja, de não ser considerado apto para comunicação. “A conversação é singular pelo fato de que ela não é destinada a estabelecer um contato entre o doente e seu interlocutor; é um monólogo, às vezes rápido, alegre, porém em geral abstrato, inadequado à situação: de fato, o doente não se dá conta da situação, continuando em voz alta um “devaneio verbal”, sem finalidade, sem contato, sem intervenção consciente”. (Ey, p. 576).

Dessa forma, podemos perceber que a escrita no tratamento de psicóticos é de grande importância na medida em que possibilita ao paciente estabelecer um outro laço com a linguagem, apesar de sua falha na passagem pelo Édipo. Esse novo laço, que advém da escrita, proporciona um outro tipo de tomada da palavra, uma que é apreciada, respeitada e que suscita interpretações, e não apenas vista como uma dificuldade de comunicação.

Talvez, pela escrita, o psicótico possa fazer o caminho contrário do nosso (que seria produzir gestos de inscrição e “escrissão” para estabelecer um efeito de autoria) e consiga, a partir do lugar de autor, se submeter à linguagem e ao discurso e se singularizar, escrevendo a sua própria história.

#### 4. Bibliografia

- BORBA, Patrícia Laubino. **O funcionamento da referência na perspectiva da análise do discurso: um estudo sobre o discurso do esquizofrênico**. (Dissertação de Mestrado em Letras) Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- CALIL, E. **Autoria: a criança e a escrita de histórias inventadas**. Londrina: Eduel, 2004.
- CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- DSM – IV. **Manual diagnóstico e estatísticos de transtornos mentais**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
- FINK, B. **O sujeito laciano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel (1969). O que é um autor? In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 4.ed., Portugal: Vega, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1971) **A ordem do discurso**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. Recursos para o bom adestramento. In: \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 23.ed. Petrópolis, Vozes, 2000.
- FREIRE, M. **A escritura psicótico**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.
- EY, H. (org.) **Manual de Psiquiatria**. Rio de Janeiro: Masson, 1981.
- GALLO, Solange L. Sobre a estrutura e o evento. In: \_\_\_\_\_. **Texto: como apre(ender) esta matéria? – análise discursiva do texto na escola**. Campinas, 1994. Tese de Doutorado em Linguística - Depto de Linguística do IEL - UNICAMP.
- LACAN. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. Texto e autoria. In: ORLANDI, Eni P., e LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006. p.81-103
- ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. Campinas: Unicamp, 1988.

- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento do sentido.** São Paulo: Unicamp, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** São Paulo: Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** São Paulo: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, Michel. (1969) Análise automática do discurso. In GADET, F. HAK, T. **Por uma análise automática do discurso.** São Paulo: Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In GADET, F. HAK, T. **Por uma análise automática do discurso.** São Paulo, Unicamp, 1997.